

SELEÇÃO, TREINAMENTO E AVALIAÇÃO DE APTIDÃO DE CÃES COMO COTERAPEUTA PARA O TRABALHO EM INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS PELO PROJETO PET TERAPIA – UFPEL

EMANUELE PRADO SILVA¹; SABRINA DE OLIVEIRA CAPELLA²; MÁRCIA DE OLIVEIRA NOBRE²

¹ Universidade Federal de Pelotas – emanuelepradosilva@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – capellas.oliveira@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – marciaonobre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, são muitos os animais que o homem pode ter um relacionamento direto, de toque e de convivência, e que suscite emoções positivas nele. Porém, o cão doméstico ainda é o animal que apresenta o relacionamento interespecífico com o maior potencial de benefícios, resultado do longo processo de domesticação e cooperação com o ser humano (CHELINI; OTTA, 2016). Recentemente, essa relação tornou-se objeto de estudo científico, já que os animais oferecem benefícios fisiológicos, psicológicos e sociais, que contribuem para a saúde e felicidade humana (FARACO; SOARES, 2013). Diante dos benefícios evidenciados pela relação homem-animal, iniciou-se a utilização de animais como facilitadores (coterapeutas) da relação entre profissional e assistido, as Intervenções Assistidas por Animais (IAAs). Esta é apresentada enquanto uma opção clínica adjuvante reconhecida pelos profissionais das áreas da saúde e da educação, capaz de auxiliar no progresso, na aprendizagem e no desenvolvimento dos pacientes (CHELINI; OTTA, 2016).

As IAAs utilizam mais comumente o cão, como coterapeuta, por ser um animal de natural afeição e aceitação pelas pessoas, que é facilmente adestrado e capaz de criar respostas positivas ao toque (CHELINI; OTTA, 2016). Segundo Guo et.al (2009), os cães são especialmente interessados nos seres humanos e muito habilidosos em perceber suas emoções e humor.

No Brasil, os grupos que atuam em IAAs seguem basicamente os direcionamentos das organizações norte-americanas e utilizam a seleção dos animais, em testes adaptados da Pet Partners e da Therapy Dogs International (TDI) (CHELINI; OTTA, 2016). Esses testes têm como objetivo mostrar que o cão pode ser um membro respeitado da comunidade e pode ser treinado para se comportar em casa, em locais públicos e na presença de outros cães; e para isso se avalia o bom comportamento e temperamento do animal em diversas situações experimentais (CHELINI; OTTA, 2016). O cão coterapeuta precisa carregar características comuns que o qualificam, mas precisa também ter uma rotina de capacitação e de aprendizagem, para enfim encontrar-se um coterapeuta que seja: carinhoso, amigável, sociável com todas as pessoas, tolerante a altos níveis de barulho e de atividade, que não apresente comportamentos agressivos com outros cães, que seja calmo, obediente e que esteja livre de estresse durante as atividades (CHANDLER, 2012); (CHELINI; OTTA, 2016). Para a Pet Partners um quesito importante é a frequência de reavaliação do cão, indicando que seja a cada 2 anos (CHELINI; OTTA, 2016).

O presente trabalho teve por objetivo elucidar a escolha do projeto Pet Terapia –UFPEL ao utilizar a espécie canina como coterapeuta, e as avaliações utilizadas para selecionar e qualificar os cães do projeto, enquanto coterapeutas, participantes de Intervenções Assistidas por Animais.

2. METODOLOGIA

O projeto Pet Terapia – UFPEL realiza Intervenções Assistidas por Animais, desde 2006, em diversas instituições de Pelotas e região. O projeto conta com uma equipe multidisciplinar, formada por discentes do curso de Medicina Veterinária, Zootecnia, Enfermagem, e Psicologia e profissionais das áreas da Saúde e da Educação. O Pet Terapia é formado por 10 cães coterapeutas, castrados, cuja higiene, sanidade e bem-estar são controlados. Os cães são treinados diariamente pelos colaboradores, previamente capacitados, dos cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia do projeto, com passeios diários, comandos básicos, socialização com outros animais e interação com pessoas estranhas, dessensibilização ao toque, aos sons, e à caixa de transporte. Esses colaboradores também são responsáveis pela sua condução durante as intervenções, com supervisão dos residentes do projeto.

Os animais integrantes do projeto foram selecionados por meio de uma adaptação ao programa modelo da Pet Partners e da TDI. Essas avaliações consistem em uma série de testes divididos em 3 etapas: a primeira etapa é uma avaliação de temperamento e comportamentos gerais, a segunda etapa avalia as habilidades do cão, e a terceira avalia as atitudes do cão. Os testes são aplicados pelos colaboradores sob supervisão dos Médicos Veterinários, Residentes do projeto, bem como, as análises, os resultados e a decisão sobre o cão estar apto ou não ao trabalho, são realizadas pelos Médicos Veterinários.

Na avaliação de temperamento e comportamentos gerais do cão, ele deve ser dócil e livre de sinais de agressividade com outros animais e com pessoas, apresentando capacidade de socialização. No teste de habilidades do cão, ele deve: atender educadamente aos comandos básicos (senta, deita, fica, dá a pata, e ir até a pessoa quando solicitado), aceitar carinho, se comportar durante os cuidados com a pelagem, andar com a guia, andar em multidões, e se avalia também, a reação a um cão neutro. No teste de atitudes do cão é realizado exame geral para testar a sensibilidade ao toque, carinhos exagerados e desajeitados, abraços restritivos, pegar petisco da mão de uma pessoa com cuidado, reações a pessoas gritando e gesticulando exageradamente, reação com uma pessoa que colide com o animal por trás, e reação ao ser cercado por pessoas e receber carinho simultaneamente.

Estes testes foram realizados com todos os cães integrantes do projeto, e nas categorias com maior dificuldade apresentada pelo cão, é elaborado um plano de treinamentos específicos com acompanhamento do progresso dos cães, para aprimorar as suas capacidades, para que em seguida sejam reavaliados. Todos os cães precisam estar aptos nessas 3 etapas, para começarem a exposição controlada de situações experimentais, vestindo um colete indicando - cão em treinamento - e por curtos períodos de tempo. Por exemplo, durante as primeiras semanas, o cão é levado a conhecer o ambiente de algumas das Instituições atendidas pelo projeto, e tem um período para cheirar e reconhecer todo o local, por até 10 minutos, ou antes (caso apresente desinteresse) e é retirado do ambiente. Em um segundo mês ele é levado como expectador de algumas intervenções, onde ele observa as atividades, e os comportamentos dos assistidos e do cão terapeuta em atividade, sempre à distância, e sem interferência, permanecendo com o colete de treinamento. Caso, o cão apresente boa aceitação e siga evoluindo, mostrando aptidão ao trabalho, ele será inserido, aos poucos para exercer sua função, em segurança, supervisionado e assegurando seu bem-estar, antes, durante e após as intervenções. Todos os animais são reavaliados, periodicamente, os cães do projeto estão constantemente sendo acompanhados para assegurar seu bem-estar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para um cão do projeto Pet Terapia – UFPEL ser considerado apto ao trabalho de coterapeuta, o período total entre: treinamentos gerais e específicos, testes, reavaliações, e exposição às situações experimentais, têm duração de 6 a 12 meses, considerando que são cães adultos que ingressam no treinamento diário de passeios com guia, comandos básicos (senta, deita, fica, dá a pata, e ir até a pessoa quando solicitado), socialização com outros animais e interação com pessoas estranhas, dessensibilização ao toque, aos sons, e à caixa de transporte, e treinamento específicos de habilidades. Após esse período, os Médicos Veterinários, residentes do projeto, realizam análises, verificam resultados, e decidem se o cão está apto ou não ao serviço de coterapeuta, sempre potencializando as habilidades natas e individuais de cada cão, por exemplo: cães que gostam de bolinha, incentivar com treinamentos específicos ao ensinar a buscar e a devolver a bolinha. Cães adultos, que não foram socializados quando filhotes, precisam de um período de socialização maior antes de iniciar o trabalho junto às intervenções assistidas por animais, para se acessar mais completamente o comportamento do animal, para melhorar pontos deficitários desse indivíduo, como também, para socializarmos o animal com os companheiros e com as atividades do projeto (CHELINI; OTTA, 2016). Dessa forma, o projeto Pet Terapia preconiza como período mínimo de 6 a 12 meses, entre primeiras etapas de treinamentos, socialização, avaliações, exposição às situações experimentais, para enfim, o resultado de aptidão, ser estipulado. É respeitado o período de evolução e adaptação dos cães, e assegurado o seu bem-estar em todas as etapas do processo.

O cão com aptidão para ser coterapeuta é o cão que gosta de socializar e age afetivamente, e quando treinado, passa a estabelecer uma relação afetiva, e a criar formas de comunicação com as pessoas. Para Butler (2004), o papel do cão coterapeuta é receber o paciente, no sentido de demonstrar que ele está ali pronto para interagir, seja por meio do contato visual, da proximidade física ou da disponibilidade de tocar e de ser tocado. Essa postura motiva a interação e possibilita a formação de vínculo entre cão e assistido, preenchendo necessidades emocionais, oferecendo conforto, segurança, e envolvendo aceitação total do paciente, sem julgamentos. Friedman et al. (2000), concluíram que a presença de um cão calmo e atencioso é mais eficaz que a presença de um adulto ou um amigo durante atividades de rotina médica ou quando solicitado que crianças realizassem leitura em voz alta. Estes animais demonstram sentimentos, como felicidade, amor e sinais interpretados como uma forma rudimentar de empatia, por isso, o cão é um dos animais mais indicados e utilizados em IAAs.

O projeto Pet Terapia –UFPEL utiliza principalmente a espécie canina em suas intervenções. E ao longo dos seus 15 anos de atividades percebeu-se a habilidade singular do cão, que lhe permite modular seu comportamento às expectativas e às demandas, em congruência com a estrutura de seu parceiro humano (FARACO; SOARES, 2013). Isto é, os cães coterapeutas aptos ao trabalho do projeto, relacionam-se e estabelecem vínculo e parceria, diariamente com os colaboradores, e respondem às expectativas de tudo que lhes é exigido pelos condutores, como também, às necessidades dos assistidos, e são efetivamente, os responsáveis pelas intervenções bem sucedidas, do projeto.

O Pet Terapia, não só seleciona os cães nas 3 etapas de testes: avaliação do temperamento e comportamentos gerais, habilidades do cão e atitudes do cão, como também proporciona uma rotina diária de treinamentos e capacitações.

O projeto utiliza nos testes de seleção dos coterapeutas alguns parâmetros de dessensibilização ao toque, como: aceitar carinho, se comportar durante os cuidados com a pelagem, exame geral para testar a sensibilidade ao toque, carinhos exagerados e desajeitados, abraços restritivos, colisão com uma pessoa por trás do animal, e várias pessoas cercarem o cão e este receber carinho simultaneamente. A dessensibilização ao toque em todo o corpo do coterapeuta antecipa comportamentos que os assistidos podem ter, e naturalizam, confortavelmente, o comportamento do cão, a não ser surpreendido, já que houve a experiência prévia estabelecida (sempre associada positivamente, com petiscos por exemplo, durante os treinamentos diários) (CHELINI; OTTA, 2016). Esta conduta do projeto vai ao encontro do que Chandler (2012) afirma, que todo e qualquer cão participante de IAAs deve, durante toda vida, passar por sessões recorrentes de dessensibilização ao toque. As IAAs são relativamente recentes no Brasil e no mundo, por isso os métodos para seleção de cães utilizados em intervenções, no país, ainda seguem adaptações dos direcionamentos da Pet Partners e Therapy Dogs International (TDI) (CHELINI; OTTA, 2016). Granger et al. (2006) afirma que não há raças ou porte específico ideal, porém o sucesso da terapia dependerá das características individuais do temperamento, do nível de treinamento e do contexto de trabalho.

A fase final de avaliação do cão, realizada pelo Pet Terapia, exposição às situações experimentais: apresentação do ambiente ao cão, acompanhamento à distância sem participação dele, e por fim, introdução gradativa às intervenções, deve ser realizada lentamente, respeitando o processo de aprendizagem, treinamentos diários, capacitação do cão e assegurando seu bem-estar. Corroborando a afirmação de Butler (2004) que os cães não nascem prontos, é preciso grande investimento em sua educação.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que a escolha pela espécie canina, bem como o método de seleção, treinamento, e avaliação de aptidão dos coterapeutas utilizados no projeto Pet Terapia, são fatores responsáveis pelas intervenções bem sucedidas ao longo de 15 anos de atuação em instituições de Pelotas e região.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, K. Therapy dogs today: their gift, our obligation. Oklahoma: Funpuddle Publishing Associates; 2004.
- CHANDLER, C. Animal assisted therapy in counseling. 2. Ed. USA: Routledge; 2012. P.40-75.
- CHELINI, M. O.M.; OTTA, E. Terapia Assistida por Animais. Barueri, SP: Manole, 2016.
- FARACO, C. B.; SOARES, G. M. Fundamentos do Comportamento Canino e Felino. São Paulo: Editora MedVet, 2013.
- FRIEDMANN, E.; THOMAS, S.; EDDY, T. J. Companion animals and human health: Physical and cardiovascular influences. In: Podberscek AL, Paul ES, Serpell JA (eds). Companion Animals and use: Exploring the relationship between people and pets. 2. ed. New York: Cambridge University Press; 2000. p. 42-125.
- GRANGER, B.P.; KOGAN, L.R. Characteristics of Animal-Assisted therapy in specialized settings. In: Fine HA (ed). Handbook on Animal-assisted therapy: theoretical foundations and guidelines. 3. ed. London: Academic Press; 2006. P.76-263.
- GUO, K.; MEINTS, K.; HALL, C.; HALL, S.; MILLS, D. Left gaze bias in humans, rhesus monkeys and domestic dogs. Anim. Cogn. 2009;12:18-409.